

Teatro de Animação na escola: procedimentos e reflexões

Éder Sumariva Rodrigues

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis - SC)



Figura 1: Apresentação final dos espetáculos de Teatro de Sombras. Foto:Éder Sumariva Rodrigues



Figura 2: Apresentação final dos espetáculos de Teatro de Sombras. Foto:Éder Sumariva Rodrigues



Figura 3: Apresentação final dos espetáculos de Teatro de Sombras. Foto:Éder Sumariva Rodrigues.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034701202019123>

Resumo: Tem-se por objetivo neste artigo a apresentação de reflexões pedagógicas desenvolvidas com as linguagens do Teatro de Animação em escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis/SC com alunos do quinto ao nono ano. Estas experiências pedagógicas que incluem o Teatro de Sombras e o Teatro de Máscaras ocorreram entre 2016 e 2018 na rede municipal de ensino de Florianópolis. Na primeira parte desse texto, descrevo os procedimentos pedagógicos utilizados durante as aulas de artes cênicas e, no segundo momento, reflexões acerca da ausência/presença e da importância do Teatro de Animação na escola.

Palavras-chave: Pedagogia. Teatro de Máscaras. Teatro de Sombras. Teatro de Animação. Escola.

Abstract: This article aims to present pedagogical reflections developed with the languages of the Animation Theater in schools of the municipal teaching network of Florianópolis / SC with students from the fifth to the ninth year. These pedagogical experiences that include the Theater of Shadows and the Theater of Masks occurred between 2016 and 2018 in the municipal network of education of Florianópolis. In the first part of this text, I describe the pedagogical procedures used during the performing arts classes and, in the second moment, reflections about the absence / presence and importance of the Animation Theater in the school.

Keywords: Pedagogy. Mask Theater. Shadow Theater. Puppet Theater. School.

Em 2016, na Escola Básica Municipal Dr. Paulo Fontes, situada no Bairro de Santo Antônio de Lisboa em Florianópolis/SC, estabelecimento de ensino que atende cerca de 350 estudantes do primeiro ao nono ano de diversas comunidades do seu entorno, foi realizado um projeto teatral com o Teatro de Sombras. Mas por que essa linguagem?

A iniciativa de realizar tal proposta de ensino nas aulas de Artes Cênicas/Teatro¹ partiu de minha experiência pessoal noutra instituição de ensino, no município de São José/SC, executada no período de contraturno com um número reduzido de alunos, na qual montei a adaptação do livro infantil *Romeu e Julieta*, de Ruth Rocha. A partir dessa experiência, uma inquietação surgiu ao longo da disciplina: Seria possível experimentar esta linguagem com uma turma de 30 alunos? Após as primeiras trocas de ideias entre professor e educandos, pude averiguar que tal linguagem teatral era totalmente desconhecida, nunca tinham visto um espetáculo de sombras, somente a brincadeira como referência, a de fazer sombras com as mãos. Os alunos se encantaram com a possibilidade de conhecer uma montagem teatral diferente do que habitualmente conheciam, o “teatro de ator”. Certamente, um desafio tanto para mim quanto para os educandos esteve posto diante de nós.

Outro fator de suma importância para o desenvolvimento deste projeto era a utilização de materiais simples e de fácil acesso

1 Esta inserção das diferentes linguagens artísticas no currículo começou a se instituir a partir de 1997, com o Iº Seminário de Reorganização Didática da Educação Básica Municipal de Florianópolis, onde entre outras questões, determinou-se o número de aulas de Artes a serem ministradas dentro do currículo. Neste momento, a partir do Movimento de Reorganização Didática, instaura-se a contratação de profissionais Arte-Educadores por área de formação, ou seja, do modelo polivalente passa-se a uma organização que procura garantir a especificidade destas diferentes linguagens a partir da habilitação escolhida pelo profissional no seu curso de graduação. Neste sentido, a partir do ano de 1998, foram contratados, em caráter efetivo, para o ensino de Artes na RME, professores nas habilitações de Teatro e Música, pois na área de Artes Plásticas [agora Artes Visuais] já havia um contingente expressivo. (PROPOSTA, 2008).

aos alunos, como papel cartão, fita crepe e papel celofane, disponibilizados pela escola. Materiais de ordem mais técnica, como foco de luz e cortina para a projeção das sombras foram providenciados por mim. É importante destacar que a escola não dispõe de um lugar adequado para as aulas de Artes, portanto, a sala de aula dos alunos foi transformada num ambiente o qual era chamado de Sala Criativa, como maneira de estimular os alunos a realizarem uma imersão com mais criatividade em seus espetáculos. Também pontuo que esta discussão sobre a maioria das escolas não possuir um local adequado para as aulas de Artes (dança, visuais e cênicas) é antiga, mas ainda nos deparamos com situações adversas e temos que improvisar. Assim, iniciamos uma longa aventura na construção de espetáculos teatrais com as sombras em quatro etapas que apresento a seguir.

Mãos à obra teatral!

Na primeira etapa do projeto, teve-se como objetivo realizar uma explanação teórica a respeito da história do Teatro de Sombras, assim como a demonstração dos procedimentos utilizados na construção de cenas teatrais nesta linguagem. Para isso, a Sala Informatizada foi utilizada para ministrar a aula, com a finalidade de projetar fotos e vídeos de grupos de teatro que trabalham com esta linguagem. Essa fase foi de suma importância, visto que, até aquele momento, os alunos não tinham nenhuma referência de como era concebido um espetáculo contendo essa linguagem. Fazer com que os estudantes visualizem produções teatrais por meio de vídeos, é possibilitar maior aproximação entre a suposição e a realização dos procedimentos que envolvem esta linguagem, é fazer com que eles compreendam de forma visual aquilo que deverão executar ao longo de todo o projeto. Nessa fase, ainda explanei sobre as possibilidades de construção com as quais o Teatro de Sombras pode ser feito: objetos, corpo e silhuetas. Visto que era a primeira experiência com um grupo numeroso, decidimos trabalhar com o papel.

Na segunda fase, os alunos foram divididos em grupos para dar início à escrita dramática de seus espetáculos, isto é, cada agrupamento escreveu um texto teatral para apresentar como resultado final em forma de encenação com a linguagem do Teatro de Sombras. Aqui, foi explorada a elaboração da escrita criativa em forma de diálogo (diferente da escrita narrativa a que normalmente estão habituados). Para tal, receberam como estímulo obras literárias infanto-juvenis, a fim de lhes aguçar o processo criativo. As dramaturgias elaboradas pelos alunos foram as mais diversas como, por exemplo, o circo, o espaço sideral e outras, envolvendo animais, viagens e sonhos.

Posteriormente, de posse do texto escrito, cada grupo teve que confeccionar (desenhar e recortar) as silhuetas em papel dos respectivos personagens e cenários que estavam na dramaturgia. Além disso, nesta etapa de criação, os alunos aprenderam a realizar o vazamento das silhuetas para colocar cores nas partes que desejavam. Este procedimento refere-se a recortar a parte interna do desenho para colocar o papel celofane. A inserção de cores no Teatro de Sombras se faz importante, pois é um elemento que impressiona os espectadores, possibilitando maior poesia na cena.

As imagens a seguir demonstram experimentações realizadas pelos educandos no pátio do colégio, utilizando a luz do sol.



Figuras 4, 5 e 6: Silhuetas confeccionadas pelos alunos. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.

De posse da dramaturgia do espetáculo e silhuetas confeccionadas, a terceira etapa do projeto se debruçou a ensiná-los manipular as personagens e cenários na tela de projeção: cuidado com o foco de luz, delimitação do recorte da cena, poesia do espetáculo, manipulação das silhuetas, como fazer as projeções da sombra na tela ficarem grandes e pequenas e organização do grupo e das silhuetas. Nesta fase, os alunos começaram efetivamente a experienciar o Teatro de Sombras. Toda a preparação e planejamento, realizados até aquele momento, começou a tomar forma nas mãos dos alunos.



Figura 7: Ensaios. Foto: Éder Sumariva Rodrigues

Inevitavelmente, divergências de ideias entre os integrantes apareceram, mas todos os desentendimentos foram intermediados por mim, auxiliando-os em questões técnicas ou de organização dos grupos. Foi nessa etapa dos ensaios que ocorreu efetivamente a experiência, pois como coloca Jorge Larrossa: “Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão [...]” (2002, p. 26). Nesse sentido, o aluno se torna um agente ativo de sua própria experiência, permitindo-se vivenciar uma linguagem desconhecida.

Por fim, na última etapa da construção dos espetáculos de Teatro de Sombras, teve-se como objetivo a realização das apresentações públicas². O resultado final dos cinco espetáculos concebidos nas

2 Em 2018, na EBM Herondina Medeiros Zeferino, foi realizada a I Mostra de Teatro de Sombras com três quintos anos. Foram dezenove pequenos espetáculos apresentados às turmas de primeiro e segundo ano.

aulas de artes cênicas explorou diversas temáticas (o espaço, o fundo do mar, aventuras, etc.), e foi apresentado aos alunos, funcionários e comunidade.

As apresentações foram realizadas na biblioteca da escola. Além da sala de aula, transformada em sala criativa, a biblioteca foi transformada num espaço cultural, onde os alunos do primeiro ano puderam assistir aos espetáculos criados pelos amigos do quinto ano. Neste sentido, a troca de experiências se deu de forma mútua, seja na fruição estética dos espectadores, seja na experiência de vivenciar e apresentar publicamente um trabalho desenvolvido durante as aulas de artes cênicas. Dedicção e empenho dos grupos foram fundamentais à realização desta proposta. Além disto, é importante destacar que o projeto também teve como propósito a formação de plateia, debate que ocorre frequentemente quando nos referimos às políticas culturais deste país. Neste caso, o apreço, fruição, interação e vivência teatral iniciam desde as primeiras etapas de aprendizagem dos alunos, seja do ponto de vista dos espectadores ou dos atores. Inevitavelmente, apresentar pela primeira vez os espetáculos à turma do primeiro ano da escola suscitou entre os educandos o nervosismo e a ansiedade, mas eles souberam controlar e expor os criativos espetáculos ao público presente.

O Teatro de Animação vai ao encontro do pensamento de Larrossa, isto é, as linguagens das formas animadas proporcionam um processo de ensino-aprendizagem singular a cada um. Neste sentido, os depoimentos de duas alunas que vivenciaram o processo do Teatro de Sombras, ilustram esse processo:

Para fazer isso (o teatro de sombras) foi um aprendizado muito legal e importante para expressar nossos sentimentos e nossa criatividade e para aprendermos mais sobre teatro. Eu nunca irei esquecer dessa experiência, foi muito divertido. (Depoimento da aluna Helena A. Nunes, 5º ano)
No teatro de sombras eu gostei muito da apresentação e do período da criação, a gente fez uma forma diferente de trabalho, a gente montou as personagens no pátio da

escola e foi muito boa essa experiência. Esse trabalho foi um dos melhores trabalhos de artes que eu já fiz e foi ótimo. Eu me sinto muito alegre de ter feito ele. (Depoimento da aluna Camila Jandre, 5º ano)

Nitidamente, para ambas as alunas que experienciaram todo o processo de construção de um espetáculo de Teatro de Sombras, desde a concepção da encenação até a apresentação final à um público, possibilitou-se o aprendizado da montagem teatral. Elas foram perpassadas, impactadas, afetadas pelas Sombras. Proporcionar outras formas de fazer teatro, com uma linguagem diferente daquela que comumente os alunos conhecem, o “teatro de ator”, é oportunizar a cada um deles um despertar, um desabrochar, é ampliar horizontes e conhecimentos, é fazer da teoria uma prática prazerosa.

Nessa mesma perspectiva, Bete Farina, diretora da unidade educativa, que acompanhou todo o processo de construção das montagens dos estudantes à distância, também teve a mesma percepção:

Em 2016 em uma atividade desenvolvida durante as aulas de Artes ministrada pelo Professor Éder, com a turma do 5º ano, o grupo idealizou, criou e apresentou várias peças de Teatro de Sombra. Houve o envolvimento dos alunos em todas etapas de criação, seja na construção do cenário, personagens e enredo. Muitos ensaios, ajustes e apresentação para os alunos dos Anos Iniciais. Foi definido que o evento ocorreria na biblioteca, local mais adequado para esse espetáculo. Esta expressão artística desencadeou reações em todos os envolvidos, seja na plateia e nos atores, havia no ar um misto de sentimentos: ansiedade e curiosidade quanto a apresentação. O Teatro de Sombras com seus efeitos provocava espantos, risos, suspense e até um “medinho” na criançada. Avalio que os sentimentos de desvendar durante o espetáculo, através das sombras, despertaram nos alunos, novas percepções e formas de comunicação e expressão, aliado ao trabalho coletivo! (Depoimento de Bete Farina, diretora da Escola Básica Municipal Dr. Paulo Fontes, 5º ano)

A experiência proporcionada aos estudantes por meio do Teatro de Animação também pode ser percebida por aqueles que estão ao entorno do processo, mesmo que acompanhem de longe. Isso se dá em virtude de que todo o processo de montagem foi construído e vivenciado pelos alunos. Eles se apropriaram do projeto, “compraram a ideia”, isto é, o engajamento em torno da realização de um espetáculo de Teatro de Sombras – que até então desconheciam – despertou o senso de responsabilidade coletiva em todos os alunos, tornando-se visível e reconhecida por outros professores e profissionais da escola.

Proporcionar essa vivência diferenciada aos alunos da EBM Paulo Fontes sem dúvida alguma foi uma experiência singular, tanto para mim, quanto para os alunos. O fato de deixá-los livres para criação cênica possibilitou que se apropriassem do espetáculo que conceberam, desde a concepção até a apresentação. O ensino deixa de ser verticalizado, impositivo, passa a ser horizontalizado, a qual o professor assumiu a função de orientador dos grupos de trabalho. O teatro como um todo tem esse poder, proporciona um diálogo mais equânime entre seus membros, os quais aprendem uns com os outros. No entanto, quando estão em contato com o Teatro de Animação, o desafio se torna maior, fazendo-os trabalhar de forma mais coletiva.

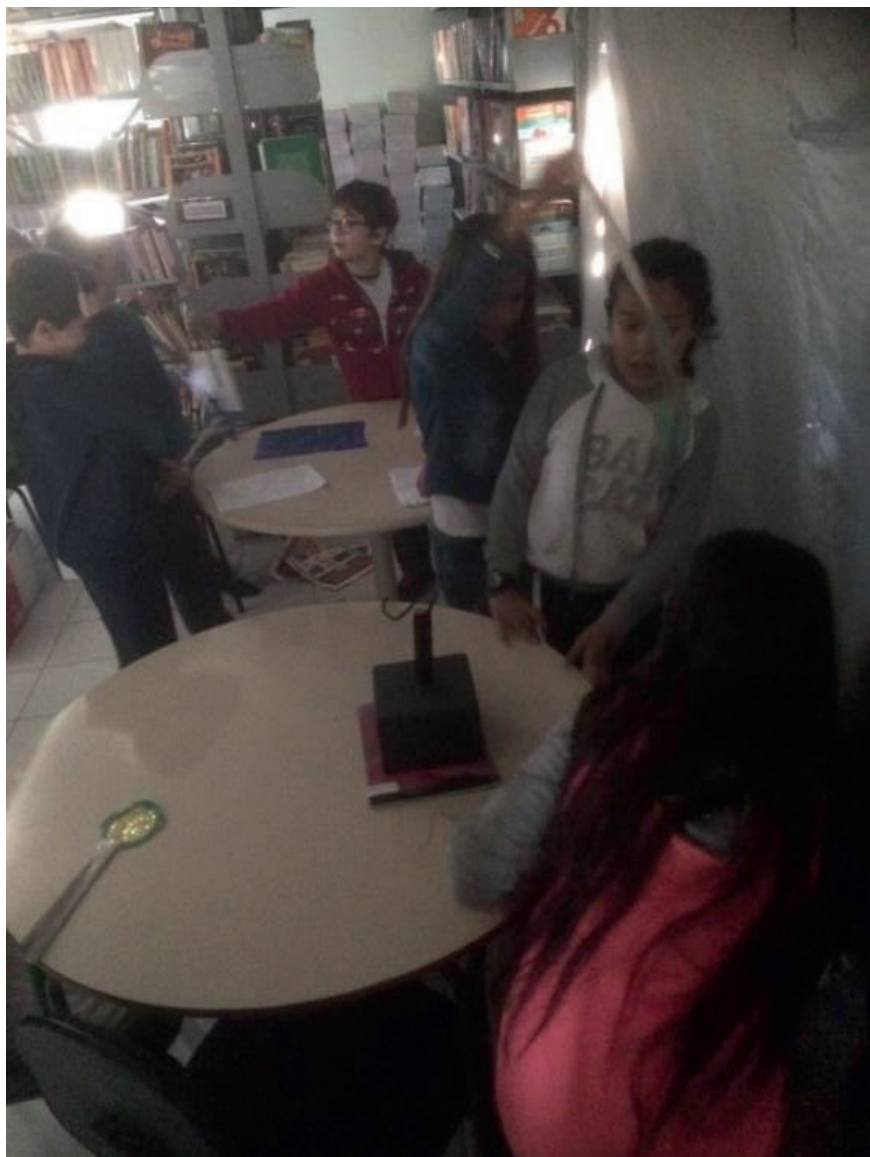


Figura 8: Preparação para apresentação. Foto: Éder Sumariva Rodrigues

Máscaras: processos e vivências

Após a primeira experiência com o Teatro de Animação e havendo avaliação positiva dos alunos, decidi continuar a investigação nesse campo teatral na sala de aula, pois como dito anteriormente, os alunos da rede municipal de ensino de Florianópolis raramente têm contato com as linguagens que compõem essa área.

Em 2017, ainda na EBM Dr. Paulo Fontes, decidi me aventurar na confecção das máscaras teatrais. Propus aos estudantes do sétimo ano a confecção de máscaras expressivas que fugissem do papelão como material principal, sugerindo que usássemos a gaze gessada e a argila para aprender uma nova linguagem. Prontamente, aceitaram.

Desde o início, sempre deixei claro aos estudantes que seria um processo longo até chegar à montagem dos espetáculos, pois tínhamos diversos fatores que não corroboravam com um andamento mais dinâmico: uma turma com cerca de 30 alunos, apenas uma hora e meia de aula e estudantes que esqueciam de comprar o material. Visto que a gaze gessada é um material relativamente barato, foi solicitado que cada aluno ou em duplas providenciassem a compra; contudo, apareceu o primeiro obstáculo: as farmácias dos bairros não vendiam esse material. Assim, os pais dos alunos tiveram que comprar em grandes redes farmacêuticas, muitas vezes atrasando o processo de confecção do molde, pois necessitavam se deslocar em horários alternativos do seu trabalho formal. Enquanto o material solicitado não chegava, organizei aulas teóricas na Sala Informatizada para exibir vídeos de grupos teatrais que trabalham com essa linguagem, a exemplo do grupo carioca *Moitará*. Além disso, os estudantes realizaram pesquisa sobre as máscaras da *com-media dell'arte* e deveriam, após observação das imagens, conceber a máscara que desejavam confeccionar. Coloquei como orientação que as máscaras deveriam ter expressão ou que houvesse alguma característica especial, como nariz alongado, testa e/ou bochechas grandes, entre outras.

Aos poucos, os estudantes começaram a trazer o material para

iniciar a primeira fase da máscara: o molde com a gaze gessada modelada no rosto de cada aluno. Para isso, no Laboratório de Ciências (único lugar adequado na escola), inicialmente reuni todos os alunos, demonstrando os procedimentos e os cuidados que deveriam ter com o colega. Nas aulas seguintes, reunidos em grupos, dois ou três alunos que já tinham o material em mãos realizavam essa etapa. Nessa fase inicial, tive receios de como os alunos se comportariam com o colega, o qual estaria deitado fazendo o molde no rosto, visto que poderia ocorrer algum incidente, principalmente, com o gesso e os olhos. Ainda que estivesse a todo momento supervisionando os trabalhos, orientando os procedimentos, havia apreensão. Contudo, nada grave aconteceu.

Passada a fase da gaze gessada, partimos à etapa de modelagem com a argila. Envolvidos com um saco plástico, as máscaras brancas de gesso serviram de base para que os estudantes pudessem modelar a máscara de acordo com o desenho que tinham feito nas aulas teóricas. Nessa etapa, alguns problemas apareceram: a estrutura de gesso não aguentava o peso da argila; para contornar esse problema, preenchi com jornal a parte debaixo da máscara de gesso; após modelagem das primeiras máscaras na argila, o material começou a rachar. Diversas foram as tentativas e formas de resolver o problema, porém a única solução encontrada naquele momento, a fim de que a máscara continuasse úmida, sem rachaduras, foi a de colocá-la dentro de um saco plástico com ar. Como se pode notar, dentro do universo da escola pública, diversos improvisos são necessários para superar as dificuldades.

Ainda que a orientação inicial tivesse sido a de modelar na argila os desenhos das máscaras baseadas na *commedia dell'arte*, muitas delas tomaram outros rumos. Apesar do processo ter-se alongando, continuamos. Além do mais, ensinar-lhes a técnica de fazer máscaras se tornava importante pois, posteriormente, elas se encaixariam nas improvisações.

Terminada essa fase, iniciamos a papietagem, em que os estu-

dantes deveriam fazer sete camadas alternadas entre papel pardo e jornal. Ainda que explicasse a necessidade de realizar a papietagem com pedaços de papéis pequenos, para que a máscara pudesse ficar com um acabamento mais liso, alguns estudantes ignoraram a orientação, fazendo com que o resultado final ficasse aquém. Esse tipo de atividade, que necessitou de mais concentração nos detalhes, deixou os estudantes afoitos e impacientes, querendo terminar logo. Ainda que algumas máscaras tenham ficado mal-acabadas, todos os alunos chegaram à etapa final da confecção da máscara: a pintura.

Após todas essas etapas de construção da máscara, na qual efetivamente os alunos tiveram que colocar “mãos à massa” durante todo o processo, chegamos à etapa de criação cênica, em que os estudantes tinham que trabalhar em grupos na criação de pequenas esquetes teatrais.

Nesta última etapa, os estudantes elaboraram previamente um roteiro de ações baseado na triangulação da máscara teatral. Ainda que houvesse o desejo de trabalhar alguns exercícios práticos com os alunos, eles se demonstraram resistentes, querendo atuar. Sendo assim, optei por realizar a linguagem teatral diretamente na cena que eles conceberam. Também é fato que nessa fase de criação cênica (aqueles que participam de grupos teatrais o sabem de antemão), a repetição e o aperfeiçoamento da cena teatral se fazem necessários. No entanto, esse procedimento encontra dificuldade em ser executado pelos estudantes. Para eles, ensaiar três ou quatro vezes é suficiente para conceber a cena teatral. Ainda que essa fase possa ser enquadrada como *express*, os resultados são expressivos. Primeiramente, pelo fato de que todos os alunos participam da atividade cênica e isto é possível em decorrência do uso da máscara, a qual faz com que os alunos “se escondam” no personagem que estão interpretando. Em segundo lugar, pelo fato de que tal atividade foi um processo construído por cada um dos estudantes, além de ser um processo nunca vivenciado por eles. Finalmente, pelo fato de que quase a totalidade dos alunos compreenderam a triangulação

teatral na prática.

Em 2018, na EBM Osvaldo Machado, localizada no bairro Ponta das Canas, a experiência de confeccionar as máscaras teatrais se repetiu, no entanto, com menos percalços ao longo do processo das modelagens. A turma 70 aceitou o desafio de participar desse processo de confecção das máscaras teatrais. Ainda assim, problemas de relacionamento entre estudantes, atrasos, falta de material, entre outros se repetiram. Isso é inerente aos alunos. Assim como ocorreu na primeira escola, também não tivemos um local apropriado para confeccionar as máscaras e utilizamos a sala de apoio que estava disponível no dia da aula de Artes Cênicas.

Aproveitando que os estudantes dominavam as técnicas de construção da máscara, esta mesma turma, no mesmo ano de 2018, também confeccionou Bonecos de Luva com técnicas de modelagens semelhantes às das máscaras. Foram vinte personagens criados para cinco espetáculos apresentados às turmas de quarto e quinto ano. Assim como todos os projetos que envolvem o Teatro de Animação, os estudantes participaram de todo o processo de criação - concepção, modelagem, ensaios e apresentação.

Para elucidar um pouco de como ocorreu o processo de criação e construção das máscaras e dos bonecos de luva, bem como as percepções individuais da participação nesse processo, trago alguns depoimentos dos alunos que possibilitam compreender como o Teatro de Animação foi essencial para sua formação:

Esses foram meus primeiros trabalhos de teatro. Eu sempre fui uma pessoa tímida, então pensei que seria um desastre, mas as coisas foram bem. Meu primeiro trabalho foi com as máscaras (assim como todos), o processo de criação da máscara foi bem divertido. Mesmo sendo longo, as partes que achei mais interessante foram sem dúvida a pintura e a do gesso. Esse foi um trabalho que eu infelizmente não terminei. No final, meu grupo separou e foi feito. Não sei qual foi o resultado final das outras apresentações, mas tenho certeza que ocorreu tudo bem. Na construção dos bonecos de luva, eu já estava mais segura, pois seria apenas

um boneco com minha voz, não eu. Algo que me ajudou muito foi meu grupo, um grupo diferente do primeiro, aquilo foi bom, foi legal, apesar de no começo um pouco desconfortável. A apresentação foi simplesmente incrível, me senti muito feliz ao fazer isso. Teatro é realmente melhor do que eu pensava, apesar de todo o trabalho. (Depoimento da aluna Manuela Almeida Cortez, 7º ano)

Ainda que a aluna não tenha finalizado o projeto das máscaras na sua totalidade, - faltou somente a apresentação final da cena teatral – ao participar de todo o processo de construção e ensaios, possibilitou, ainda que pouco, ganhar confiança pessoal, sendo um gatilho para os próximos projetos teatrais. Todavia, quando imersa no segundo ano de Teatro de Bonecos, ela demonstrava estar mais segura em todo o processo, visto que ela sabia de antemão que a apresentação final seria atrás de uma cortina. Mesmo assim, foi visível que durante os ensaios, juntamente com outro grupo mais entrosado e sólido, a cena teatral criada com os Bonecos de Luva foi muito aplaudida pela plateia convidada. Ainda que a cortina tenha sido um artifício para escondê-la, houve um processo de interpretação teatral que possibilitou sua liberdade criativa, aliado ao boneco. Neste sentido, percebe-se claramente que todo o aparato técnico utilizado pelo Teatro de Animação foi uma forma de impulsionar os alunos à criação teatral.

Outro depoimento segue nessa perspectiva:

Ao longo do 7º ano, eu tive experiências que aproximaram cada vez mais da arte teatral. Eu ainda não estou no ponto de querer me aprofundar no assunto, pois teve algumas coisas que não tanto, como a apresentação, pois eu tenho muito medo, vergonha de me apresentar, mas o que me tranquilizou um pouco foi o fato de eu e meu grupo nos apresentarmos para o 2º ano. Mas não teve só experiências ruins, como na parte da produção das máscaras e dos bonecos de luva por nós podermos decorar do jeito que quisermos dentro dos conformes. Claro que na hora bate um medo do personagem ficar feio e nem todos os personagens ficarem bonitos, mas no

final depois de toda a produção, depois de todo o ensaio e apresentações, deram muito certo. Posso dizer que ao longo dessas aulas tive felicidade, dificuldade, pessimismo, etc., mas essas aulas acabaram sendo bem legais. (Pedro Henrique de Macedo da Silva, 7º ano)

Outro ponto importante a se destacar no processo de montagem teatral dentro de uma escola pública é o fato de os alunos se sentirem mais confiantes e à vontade para realizar apresentações públicas para turmas dos anos iniciais. Além disso, como disse o depoente, os alunos, ao se apropriarem de todo o processo de construção do espetáculo, podem fazer os respectivos trabalhos da forma como desejam. Não há imposição, mas orientação. Essa fase de criação, na qual estão libertos e podem expressar sentimentos e pensamentos, é de suma importância para os alunos, pois passam a ter voz e vez. As ideias se materializam na forma e conteúdo de seu trabalho, isto é, o Teatro de Animação possibilita, por meio dos materiais utilizados, mais concretude. O trabalho se constrói diante de seus olhos e depende exclusivamente de seu empenho e dedicação.

Nessa mesma visão, outra aluna também relatou sua experiência de fazer Teatro de Máscaras e o processo de construí-la:

Eu gostei de fazer porque eu passei bastante tempo com meus amigos. Eu não gostei quando fui fazer a máscara, porque dava uma sensação muito estranha e também na hora da apresentação eu estava muita nervosa. Eu gostei de muito de modelar a máscara com argila. Foi muito legal colocar a máscara no rosto. Estava bem normal para mim. Eu gostei também de fazer o boneco de luva, de fazer a roupa e de fazer a cabeça do boneco. Também fiquei muito nervosa quando fui fazer apresentação do meu personagem. Era a filha da vendedora. O nome da peça era A Farsante, e da máscara, O Assalto. (Andreia Carvalho de Castro, 7º ano)

Novamente, percebe-se o quão importante é possibilitar aos alunos dar vazão aos pensamentos. Fazê-los colocar “mãos na massa”, colocá-los na linha de frente de seus trabalhos. Isso permite dar responsabilidade de concluírem por si mesmos aquilo que idealizaram, seja na máscara, seja no boneco de luva.

Assim como colocado pela aluna acima, outro estudante também relatou a mesma sensação ao fazer o processo de modelagem das máscaras com a gaze gessada:

O que achei bom foi o trabalho de máscaras. O processo da máscara foi demorado para fazer tudo. Quando botaram as gazes de gesso no meu rosto foi muito estranho, porque eu não podia mexer o rosto e tinha que ficar imóvel, mas apesar de tudo foi muito legal. Sobre o trabalho do boneco de luva eu gostei mais, porque foi um trabalho mais complexo, tivemos que decorar um texto bem grande e no final de tudo fizemos improvisação. Eu achei bem legal. O que não gostei foi a demora para fazer o trabalho da máscara, para decorar o que nosso grupo ia fazer, barulho na hora de ensaiar foi o que mais atrapalhou e quando alguém do nosso grupo faltava. (Luiz Gabriel Gunther de Souza, 7º ano)

O depoimento acima traz dois pontos centrais para pensar o Teatro de Animação na escola: o primeiro diz respeito a necessidade de ensinar novas técnicas, além da linguagem teatral, isto é, executar e participar de processos mecânicos de construir (ou de materializar ideias) desperta curiosidade, interesse e sensações diferentes, tira o aluno de uma zona de conforto ao confrontá-lo com novas possibilidade criativas. O segundo ponto fundamental foi o fato de existir uma cobrança “de grupo” entre os alunos, pois sabiam que para concluir a cena teatral era necessário que todos trabalhassem juntos, o que resultaria no sucesso da apresentação teatral.

Como dito pelo aluno, no início do projeto teatral com os Bonecos de Luvas, cada grupo tinha um texto de referência, porém

com alguns percalços ocorridos ao longo do trimestre, como reuniões, feriados, atestados médicos, nosso tempo encurtou. Visto que os alunos demorariam mais algum tempo para decorar o texto na íntegra, optamos em realizar um processo de improvisação teatral baseado na dramaturgia de seus respectivos textos, pois compreendiam todo o enredo da história.

Como apontado anteriormente, diversas dificuldades apareceram durante os processos das montagens teatrais, porém cabe pontuar um outro desafio que professores se deparam: a inclusão. Nessa turma do sétimo ano, havia um aluno portador de necessidade especial, mas mesmo assim participou dos projetos teatrais de acordo com suas possibilidades. Nas palavras dele:

Nosso 2018 foi um ano muito bom, o professor trabalhou teatro de máscaras. Eu terminei as máscaras e fui o apresentador. Peguei papelão, cortei e pintei. No dia da apresentação quando eu coloquei a máscara e iniciei a falar foi como se eu fosse o próprio Faustão, falando de modo engraçado. No trabalho de boneco de luva eu criei meu personagem o João Redondo e depois batizei de Faustino. Foi feito um molde da cabeça do boneco. Usamos argila. Pegamos vários jornais e fizemos papietagem e cortamos ao meio e voltamos a colar. Continuei com a pintura e o corpo do boneco fizemos de TNT e apresentamos. Eu fui o apresentador e não senti tanta diferença. O que para mim foi difícil trabalhar na máscara? Não consegui fazer a máscara porque não sou daqueles que fica parado por minutos. No boneco de luva precisei de ajuda com o tecido para dobrar o TNT e os colegas me auxiliaram. (Depoimento do aluno Gabriel Elias Daboit Salvaro, 7º ano, transcrito pela professora auxiliar de educação especial Márcia Vandervet)

Além de todos os problemas enfrentados pela falta de investimento na escola pública, os professores possuem este desafio em sala de aula: a inclusão de alunos que possuem alguma necessidade especial, seja ela qual for. É importante destacar que a maioria das

licenciaturas em Artes Cênicas do Brasil – se não todas – não possuem disciplinas que possibilitem aos graduandos um aprendizado sobre essa temática. Ainda temos muito a trilhar no que tange inclusão na escola.

Neste caso específico, como dito pelo depoente, ele não percorreu o mesmo processo de construção das máscaras como os demais alunos, mas trilhou um caminhou com atividade adaptada. Para isso, utilizei um caminho o qual ficasse mais confortável para o aluno criar sua máscara: usar papelão. Ainda que o processo seja completamente diferenciado dos demais alunos, ele se sentiu incluído ao participar da atividade.

Por fim, destaco que leciono com a mesma turma desde 2018. Isso possibilita um conhecimento de mão dupla: eu os conheço e eles também me conhecem. Existe uma confiança mútua na execução do trabalho. Esses alunos, ao longo desses dois anos, tiveram o privilégio de conhecer essas linguagens que compõem o campo do Teatro de Animação. Propiciar isso aos alunos e difundir os conhecimentos dessa área teatral tornou-se além de uma paixão, uma missão pedagógica.



Figura 9 (à esq.): Modelagem da máscara sob o rosto com gesso. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.

Figura 10 (à dir.): Moldes. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.



Figura 11 (à esq.): Modelagem com argila sob o molde de gaze gessada. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.

Figura 12 (à dir.): Exemplo de máscara modelada. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.



Figura 13 (à esq.): Papietagem sob argila. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.

Figura 14 (à dir.): Pintura da máscara. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.



Figura 15: Alunos da turma 70 com suas respectivas máscaras. Foto: Éder Sumariva Rodrigues.

Por que teatro de animação na escola?

Desde 2015 venho trabalhando/ensinando, nas aulas de Artes Cênicas da rede pública de Florianópolis, as linguagens que compõem a área do Teatro de Animação e, neste tempo pude realizar algumas constatações: 1) poucas experiências foram realizadas pelos professores da rede de ensino com essas linguagens, principalmente, porque as escolas, em sua maioria, não possuem estrutura para fazer as atividades; 2) professores centram suas aulas em jogos teatrais e na construção de cenas baseadas no teatro de ator, porque as dinâmicas não necessitam de grupo, tampouco de materiais; 3) as disciplinas de teatro de animação nas universidades, muitas vezes, estão voltadas ao processo de montagem de espetáculos, a parte pedagógica é esquecida, ou seja, sua aplicabilidade e adaptação na realidade da escola pública; novos profissionais da educação chegam sem um embasamento pedagógico de como inseri-la nas aulas de teatro; 4) o teatro de animação possui resistência junto à equipe

pedagógica das unidades escolares, é visto como inferior, desnecessário, por trabalhar com o “bonequinho” ou que a máscara somente serve para pular carnaval, isto é, há um desconhecimento da parte dos profissionais da educação; 5) e, conseqüentemente, as barreiras acima apontadas fazem com que os estudantes da rede pública de ensino desconheçam as linguagens do Teatro de Animação.

Diante de tais dificuldades já apontadas, seja no processo de confecção, seja junto à equipe pedagógica das escolas em que lecionei/leciono, torna-se complicado propor projetos trimestrais a fim de trabalhar com essas linguagens; contudo, ao final de cada trimestre, como forma de mostrar os resultados obtidos, os alunos realizam apresentações públicas. Para isso, a equipe diretiva das escolas é convidada assim como uma ou duas turmas dos anos iniciais (1º ao 5º ano) para prestigiarem os espetáculos. Esta ação é de suma importância, tanto para angariar mais espaços de projetos voltados a essa linguagem, quanto para a difusão junto aos outros alunos da escola. É preciso fazer com que, principalmente, as supervisoras entendam que é um processo longo, com muitas etapas e muitos alunos (geralmente 30 estudantes por turma). Isso faz com que o processo se dilate, necessitando de mais tempo para sua conclusão. Faz-se necessário construir esses espaços políticos e apostar na diversificação das Artes Cênicas.

Nesse sentido, os projetos de Teatro de Animação tiveram como objetivo oportunizar aos alunos o conhecimento de uma linguagem teatral pouco conhecida, difundida e trabalhada no âmbito escolar. Os projetos proporcionaram aos estudantes a ampliação de seus conhecimentos sobre a área das Artes Cênicas, não ficando estancados ao Teatro de Ator ou jogos teatrais/dramáticos.

Outra motivação em realizar este projeto era fazer com que os alunos tivessem uma imersão prática em todo o processo de construção de um espetáculo teatral, acompanhando, concebendo, propondo e interagindo com seu grupo, com o intuito de permitir ao estudante perceber o senso de coletividade. Essa vivência fez os

educandos experienciarem o processo como um todo e conscientizarem-se de que eles foram parte fundamental da criação. Foram criadores, diretores, dramaturgos, cenógrafos, bonequeiros e sombristas. Foram o todo do processo, da concepção à apresentação. Mas isso só aconteceu em virtude de um fator determinante: os alunos estiveram abertos a enfrentar desafios desconhecidos e instigantes, nos quais puderam visualizar a construção do processo.

Aqui reside o eixo fundamental das razões que me levaram a propor o Teatro de Animação em sala de aula. Nas primeiras experiências, constatei que o fato de os alunos poderem acompanhar todas as fases da construção de um espetáculo teatral era primordial, característica que chamo de materialidade.

A respeito da materialidade, o pesquisador Francisco Guilherme de Oliveira Júnior colocou que:

Sua materialidade, em um primeiro momento, diz respeito aos aspectos materiais do boneco, como dimensões, cores e formas, bem como, a expressividade que surge deste conjunto visual, geralmente tridimensional. No segundo instante, a materialidade é construída à medida que se estabelece uma nova relação com este conjunto visual, momento em que o boneco deixa de ser visto ou tratado apenas como um objeto e passa a ser reconhecido também como um personagem, um ser animado. Neste sentido, a materialidade deixa de ser relativa apenas às qualidades materiais do objeto boneco e passa a ter relação com a qualidade da imagem, da ideia de vida que se constrói em torno deste. Ou seja, a materialidade passa a referir-se à qualidade das convenções compartilhadas no Teatro de Animação. (2009, p. 54).

O fato de os alunos poderem conceber e acompanhar a construção de cada etapa, de cada parte, seja do boneco, das sombras, é um ato essencial para o engajamento deles nas aulas de Artes Cênicas. É essa materialidade com a qual o estudante tem contato e domínio que faz as ideias se transformarem em criação cênica,

tornando-se visível. Visto que estamos numa sociedade imagética, confeccionar com suas próprias mãos e visualizar os resultados obtidos com seu próprio trabalho demonstra que os estudantes detêm o poder de conduzir seu processo de conhecimento. Nesse sentido, uma batalha é travada entre o celular e a aprendizagem dos estudantes e, nos casos apresentados, o teatro de animação, com sua forma artesanal de construção, conseguiu fazer com eles emergissem em suas respectivas produções teatrais.

Estar em contato direto nesta produção dinâmica a cada encontro em sala de aula apontou para um estilo de metodologia de ensino, onde a relação professor x aluno supera a dicotomia quadro x carteira. O professor passa a ser um mediador de conhecimentos em meio aos processos criativos. A imersão de ambos os lados resultou num ambiente dinâmico que envolvia a todos. Outro ponto significativo na realização destes projetos foi possibilitar que a disciplina de Artes Cênicas não fosse mais vista como o “teatrinho”, mas como um processo educacional na formação dos educandos. O teatro deixou de ser aquela disciplina barulhenta e desorganizada, passou a ser valorizada, adquirindo um status no interior da instituição. Não somente por parte dos gestores da escola, mas também pelos alunos, que passaram a ver o teatro com outro olhar e, principalmente, envolvidos nos projetos que foram desenvolvidos posteriormente.

Fazer com que os alunos participem e se interessem por um processo artístico nos dias de hoje é desafiador, ainda mais quando propomos uma forma diferenciada, fugindo do cânone instaurado de que as aulas de artes se resumem a desenhar. Neste caso, as aulas de artes cênicas se tornaram um diferencial no ensino – aprendizado destes educandos, já que tiveram a oportunidade de experienciar e vivenciar a criação de numa nova proposta artística. A experiência de possibilitar outros olhares sobre o espaço da sala de aula mostra que os obstáculos podem ser solucionados, dependendo apenas da disponibilidade, da criatividade e da sensibilidade do grupo. Este é

um problema que geralmente os professores de artes cênicas da rede pública enfrentam: escolas que não possuem estrutura adequada para ministrar aulas de teatro. Eis a cruel pergunta: como trabalhar teatro em uma sala de aula? Eis aqui uma possível possibilidade, transformar a sala de aula num “espaço cultural” e dinâmico.

No ano corrente de 2019, novas experiências com o Teatro de Animação serão realizadas com os alunos: na EBM Osvaldo Machado, o Teatro Lambe-Lambe, com uma turma do sexto ano. O oitavo ano experimentará o Teatro de Sombras com a criação de cliques musicais e, os novos anos, Teatro de Bonecos.³

Também neste ano, alunos da EBM Herondina Medeiros Zeferino, que nunca tiveram contato com as linguagens do Teatro de Animação, farão as primeiras experiências neste universo: os cinco quintos anos realizarão em junho, a *II Mostra de Teatro de Sombras* e, essas mesmas turmas, com o intuito de comemorar os trinta anos de criação do Teatro Lambe-Lambe, farão trinta caixas de espetáculos teatrais em miniatura, tornando-se a maior mostra pedagógica do Brasil com essa linguagem.

Como se pode notar, o Teatro de Animação é uma área de conhecimento a que qualquer estudante pode ter acesso e fazer parte do processo de construção, desde a concepção até a apresentação. Com as devidas adaptações que se fazem necessárias, Teatro de Sombras, Teatro de Máscaras, Teatro de Objetos, Teatro de Bonecos e até mesmo o Teatro Lambe-Lambe pode estar inserido no planejamento dos professores de Artes Cênicas. Se faz necessário que os estudantes tenham acesso a esses tipos de linguagens teatrais, mas cabe aos profissionais da área realizar a difusão.

Inegavelmente, o Teatro de Animação é uma experiência singular aos alunos.

³ Em anos anteriores, outras experiências também foram realizadas, como a construção de um boneco gigante com adolescentes de nono ano e, para turmas de anos iniciais de segundo ano, adaptação do Boneco de Luva.



Figuras 16 e 17: Teatro de Sombras com as mãos, a partir do livro da sombrista espanhola Valeria Guglietti, 2019.



Figura 18: Turma 60, da EBM Osvaldo Machado, Teatro Lambe-Lambe, 2019.



Figuras 19 e 20: Bonecos de Luva, EBM Osvaldo Machado, 2018.



Figuras 21 e 22: Turma 70, EBM Osvaldo Machado, Bonecos de Luvas, 2018.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>
- JUNIOR, Francisco Guilherme de Oliveira. **A Materialidade no Teatro de Animação**. 2009, 138 f, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DEPOIMENTOS

CASTRO, Andreia Carvalho. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 19 de abril de 2019.

CORTEZ, Manuela Almeida. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 19 de abril de 2019.

FARINA, Bete. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 29 de junho de 2017.

JANDRE, Camila. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 29 de junho de 2017.

NUNES, Helena. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 29 de junho de 2017.

SALVARO, Gabriel Elias Daboit. Depoimento concedido a Éder Sumariva Rodrigues. Transcrito por Márcia Vandever. Florianópolis, 19 de abril de 2019.

SILVA, Pedro Henrique de Macedo. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 19 de abril de 2019.

SOUZA, Luiz Gabriel de. Depoimento concedido por escrito a Éder Sumariva Rodrigues. Florianópolis, 19 de abril de 2019.